

O avanço do ‘aberto’ na educação

A produção de uma edição especial da revista EmRede sobre Recursos Educacionais Abertos (REA) é um contributo importante no atual contexto político, sociocultural e econômico brasileiro. Levando em consideração os desafios históricos da educação pública, em um quadro de reformas curriculares e investimentos financeiros instáveis, os REA têm potência para gerar impactos inéditos na esfera da inclusão digital, democratização do acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, na melhoria da qualidade tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

Embora o advento da Internet e a difusão de cursos na modalidade a distância tenham impulsionado a elaboração de recursos digitais e a criação de repositórios *online*, os impactos no ensino e na aprendizagem são incipientes. Isso é fruto de um processo tardio na criação de infraestrutura técnica e jurídica para que as produções possam ser licenciadas e publicadas de modo aberto e flexível para reutilização, remixagens, adaptações, recontextualização e retemporalização.

É fato que as políticas públicas vigentes, incluindo o Plano Nacional da Educação (PNE) e outros programas, tais como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), contemplam aspectos que configuram avanços em termos de fomento à consolidação dos REA na educação brasileira. Importaneamente para o público da revista EmRede, os avanços das políticas e ações em torno de REA na Universidade Aberta do Brasil tem se mostrado exemplares em escala nacional e regional. Essas iniciativas têm respaldo nos resultados de pesquisas e diretrizes internacionais como a Declaração de Paris (2012) e o Plano de Ação De Liubliana (2017) e se conectam com as demandas geradas por iniciativas da sociedade civil e do setor acadêmico.

Desse modo, torna-se premente investir na formação inicial e continuada, bem como na valorização dos profissionais da educação de maneira que temas como licenciamento livre e aberto, direitos autorais, plágio, coautoria em rede e colaboração ubíqua sejam interdisciplinarmente contemplados. A expectativa é que contextos e ambientes emergentes que permitam melhores e maiores possibilidades de interação e colaboração, tais como os formatos *Small Open Online Courses* (SOOC), gerem impactos promissores em termos de desenvolvimento de Fluência Tecnológico-Pedagógica (FTP) para integrar REA nas práticas pedagógicas. Formações abrangentes e bem estruturadas começam a gerar frutos, como aquelas lideradas pela Iniciativa Educação Aberta (para a Universidade Aberta do Brasil em 2018) e o grupo GEPETER da UFSM (para professores do Ensino Médio em 2016 e Educação Básica da rede pública em 2018).

A edição especial começa apresentando um panorama abrangente do movimento REA no Brasil, ainda pouco conhecido no próprio país, com o artigo de Tel Amiel (Unb) em conjunto com Priscila Gonsales e Débora Sebriam (Instituto

Educadigital) e segue com artigos de convidados que nos apresentam o desenvolvimento dos REA fora do eixo tradicional dos países inglês-falantes. Fortes avanços recentes nas políticas públicas e institucionais posicionaram o Brasil em lugar de destaque na região. Esses avanços são apresentados no contexto de uma década de ativismo por parte de diversos atores. O texto de Jan Neumann, Dominic Orr e Jöran Muuß-Merholz (Hewlett Foudation) traz um panorama de um país que, apesar de trajetória recente no movimento REA, tem um papel de liderança através do Mapa Global dos Recursos Educacionais Abertos (*OER World Map*). A descrição de iniciativas de organizações da sociedade civil, empresas e governo nos apresenta uma oportunidade de ver o movimento de forma sistêmica. Por último, Virginia Rodés e Patricia Diáz (Universidad de la República - UDELAR) apresentam o desenvolvimento de ações no Uruguai, país já bem conhecido por seu pioneirismo na inclusão digital e social. O trabalho discute a evolução dos REA tanto no ensino superior, particularmente através da liderança da UDELAR bem como a necessidade de esforços articulação local, regional e internacional para a promoção dos REA.

Na seção de Artigos, Fabio Nascimbeni e Daniel Burgos da Universidad Internacional de la Rioja e Edison Spina da USP apresentam um projeto voltado para tipificar algumas das qualidades e competências de um educador aberto. Como um de seus resultados, o trabalho resultou em uma plataforma que permite que educadores avaliem suas habilidades e encontrem recursos abertos para desenvolvê-las. Teresa Cardoso e Filomena Pestana discutem conceitos como educação aberta e abordam as contribuições do trabalho colaborativo na Wikipédia para o acesso democrático ao conhecimento a partir da experiência da Universidade Aberta de Portugal. E por último, Daniela Ramos e Bruna Anastácio abordam o uso de jogos digitais como REA e analisam suas contribuições à aprendizagem e à democratização do conhecimento, a partir das experiências na UFSC.

Ana Cristina Fricke Matte, na seção Relato de Experiências, narra a trajetória do grupo Texto Livre que, por meio de suas ações, constrói uma ponte entre uma educação para a cidadania e as práticas e os princípios das comunidades de software livre.

Finalmente, Juliana Sales Jacques (UFSM) apresenta a resenha de sua tese de doutoramento, na qual discute a importante relação entre ética e estética no movimento REA e sua relação com a prática docente no Ensino Superior, especialmente em cursos de licenciatura.

A pertinência de tratar continuamente dos contextos em rede e movimentos emergentes articula os textos deste número especial da revista com temas como autoria, criatividade, MOOC, REA, repositórios *online* abordados em outras edições como, por exemplo, v.5, n.1 (2018).

Tel Amiel
Elena Maria Malmann
Henrique Oliveira da Silva
Mára Lúcia Fernandes Carneiro